

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

Uma educação para além da gestão ambiental [An education beyond the environmental management]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Santos, João Vitor
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-10 18:29:11
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/158107

Uma educação para além da gestão ambiental

Genebaldo Freire Dias defende uma reorientação na ideia de Educação Ambiental como forma de superar o que chama de “falha de percepção” humana que leva o Planeta ao esgotamento

Por João Vitor Santos

O doutor em Ecologia Genebaldo Freire Dias endossa o discurso de quem acredita que a forma de vida humana hoje é uma postura suicida. “Sem tempo para refletir, investe tudo em um materialismo-consumismo insaciável e se afunda em depressões existenciais crônicas e sistêmicas”, analisa. Para ele, a questão está centrada na “lógica de mercado que vê a natureza como um fornecedor de capacidade infinita e gratuita, e sem qualquer tradução em consequências desse usufruto ignorante”.

Dias acredita que a educação possa ser um caminho para superar o que chama de “falha de percepção” social hoje. Porém, alerta que até mesmo em disciplinas como a Educação Ambiental há a reprodução de um modelo que já se mostra falido, baseado na mesma lógica de mercado. “A prática da Educação Ambiental estacionou nos elementos de gestão ambiental. A maior parte

do que se faz é ainda muito afastado do que seria necessário para se atingir a ampliação da percepção, módulo inicial das mudanças necessárias”, dispara, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. E completa: “o primeiro desafio é promover essa disciplina conforme seus objetivos e princípios primais. Sem isso, o que se segue é burocracia, acomodação cartorial”.

Genebaldo Freire Dias é bacharel, mestre e doutor em Ecologia pela Universidade de Brasília - UnB. Atualmente é consultor independente com atuação nas áreas de Educação e Gestão Ambiental. Possui 19 livros publicados sobre a temática ambiental, entre eles *Mudança climática e você* (São Paulo: Editora Gaia, 2014), *Dinâmicas e Instrumentação para a Educação Ambiental* (São Paulo: Gaia, 2010) e *Educação Ambiental - princípios e práticas* (São Paulo: Gaia, 2010).

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual o papel da educação ambiental como forma de introduzir novas perspectivas sistêmicas para a humanidade? Quais os desafios para se pensar a educação ambiental de forma interdisciplinar?

Genebaldo Freire Dias - A prática da Educação Ambiental - EA estacionou nos elementos de gestão ambiental - lixo, coleta seletiva, reciclagem, economias (de água, energia elétrica e outros), poluições, mudança climática etc., confundindo-os com os processos verdadeiros da EA. Assim, o

primeiro desafio é promover essa disciplina conforme seus objetivos e princípios primais. A maior parte do que se faz é ainda muito afastado do que seria necessário para se atingir a ampliação da percepção, módulo inicial das mudanças necessárias. Sem isso, o que se segue é burocracia, acomodação cartorial.

O formato interdisciplinar proposto desde Tbilisi (1977)¹ foi su-

¹ Em 1975, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO promoveu, em Belgrado, na Iugoslávia, o Encontro Internacional de Educação Ambiental, criando o Programa Internacio-

focado pela egolatria. Cada dono do pedaço de conhecimento viu a

nal de Educação Ambiental - PIEA, que apresenta um conjunto de princípios e diretrizes para o desenvolvimento da área. Em 1977, aconteceu a Primeira Conferência Intergovernamental de Educação Ambiental, em Tbilisi, na Rússia, organizada pela UNESCO com a colaboração do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente - PNUMA, que gerou um documento onde constam os objetivos, funções, estratégias, características, princípios e recomendações da educação ambiental, que servem como base para a prática dos educadores ambientais no mundo inteiro até os dias atuais. Nesse documento, conta a proposta de se trabalhar a Educação Ambiental de forma interdisciplinar, ligando-a a várias áreas de conhecimento. (Nota da **IHU On-Line**)



A sociedade humana vive uma falha de percepção. Assume um estilo de vida suicida e cria inúmeros mecanismos para não aceitar isso

sua “propriedade” ameaçada no processo natural de diluição. O ser humano ainda não atingiu um estágio² evolutivo a ponto de ceder um pouco do seu domínio para espaços-manifestações mais altruístas. O que vem dando resultados palpáveis é a abordagem por meio de projetos multidisciplinares.

IHU On-Line - No que consiste sua ideia de ecopercepção? Em que medida dialoga com o conceito de Ecologia Integral³ e com teorias como a da Trofobiose⁴?

Genebaldo Freire Dias - Antes de qualquer coisa, refuto o “sua ideia”. Isso não existe. Não temos “nossa” ideia. Não somos autores de coisa alguma. Isso é criação do ego humano. Somos apenas sensores, sintonizadores das vibrações que já existem e estão por aí.

² É estágio mesmo; estágio é de foguete. (Nota do entrevistado)

³ O conceito de Ecologia Integral – desde uma visão sistêmica – aparece na Encíclica Laudato Si’, do papa Francisco. A abordagem do conceito é amplamente discutida em entrevista “Ecologia integral. A grande novidade da Laudato Si’. ‘Nem a ONU produziu um texto desta natureza”, com o teólogo e filósofo Leonardo Boff, publicada nas Notícias do Dia, de 18-06-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/1TLwrgW>. Confira, também, a edição 469, de 03-08-2015, da **IHU On-Line**, que reflete acerca da Encíclica com diversos pesquisadores, disponível em <http://bit.ly/1PQo04f>. (Nota da **IHU On-Line**)

⁴ **Teoria da Trofobiose:** diz que uma planta desequilibrada nutricionalmente torna-se mais suscetível a pragas e patógenos. A adubação mineral e o uso de agrotóxicos provocam inibição na síntese de proteínas, causando acúmulo de nitrogênio e aminoácidos livres no suco celular e na seiva da planta, alimento que pragas e patógenos utilizarão para se proliferar. O primeiro a formular a teoria foi Francis Chaboussou. (Nota da **IHU On-Line**)

Ecopercepção? Simples: perceber o ambiente (em sua totalidade). A sociedade humana vive uma falha de percepção. Assume um estilo de vida suicida e cria inúmeros mecanismos para não aceitar isso. Sem tempo para refletir, investe tudo em um materialismo-consumismo insaciável e se afunda em depressões existenciais crônicas e sistêmicas. Erode⁵ seu conforto emocional em troca de coisas. E estas logo viram lixo.

O conceito dialoga com a Ecologia Integral pela sua natureza “trans-sistêmica”. Com os ideais de Francis Chaboussou⁶, Trofobiose dialoga ao expor o intrincado equilíbrio que desmontamos por um misto de analfabetismo ambiental, ignorância e imediatismo.

IHU On-Line - De que forma a gestão de conflitos pode ser pensada como forma de romper a lógica mercantil que se estabelece entre o ser humano e o planeta?

Genebaldo freire Dias - O que se possa imaginar de “pensamentos” para essa possibilidade de se romper com essa lógica mercantil vem sendo tentada desde 1972 (Estocolmo)⁷. Já se escreveu tudo

⁵ No sentido de erosão, desgastar ou remover a superfície da Terra, pela ação da água, vento ou outros agentes erosivos. (Nota da **IHU On-Line**)

⁶ Francis Chaboussou: pesquisador francês autor da Teoria da Trofobiose que, na década de 1970, lançou um dos pilares da agroecologia. Formado em biologia pela Universidade de Bordeaux, na França, foi pesquisador do Institut National de la Recherche Agronomique e da Estação de Zoologia do Centro de Pesquisas Agronômicas de Bordeaux. (Nota da **IHU On-Line**)

⁷ Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano (em inglês United Nations Conference on the Human Environment): também conhecida como Conferência

o que precisamos, já se formalizou em tratados, acordos, convenções e tudo o mais que se possa nomear em maneiras de abordar a temática-desafio. Porém, os indicadores de insustentabilidade do modelo vêm se tornando cada vez mais nítidos, diversos e abrangentes. Ou seja, a velocidade de formação de fatores de sustentabilidade está infinitamente inferior à fúria e avidez dos fatores que empurram a relação pessoas-planeta para faixas de conflitos.

Muito do que será feito para ajustar a nossa equação vai ocorrer por meio de gestão de conflitos. Pode parecer neocatastrofismo, niilismo puritano ou surto espasmódico de verborragia ambientalista, mas estamos nos aproximando muito rápido dos cenários de conflitos, principalmente por energia, água e proteínas, muitas vezes expressados nas obras de ficção. Infelizmente, o que a mídia despeja em nossas salas diariamente parece não deixar de corroborar tais assertivas.

IHU On-Line - Como a degradação ambiental pode ser mensurada no cotidiano, desde a questão econômica, até perspectivas políticas e sociais?

Genebaldo Freire Dias - Pela perda contínua da qualidade da experiência humana empurrada para baixo pela perda da qualidade de vida. São indicadores irrefutáveis dessa relação apodrecida. Desemprego, ondas migratórias desesperadas, radicalismo étnico-político-religioso, epidemias de hipertensão, obesidade, diabetes, câncer, estresse, cardiopatias, de-

de Estocolmo, foi a primeira grande reunião de chefes de estado organizada pelas Nações Unidas – ONU para tratar das questões relacionadas à degradação do meio ambiente, realizada entre os dias 5 a 16 de junho de 1972 na cidade sueca de Estocolmo. A Conferência de Estocolmo é amplamente reconhecida como um marco nas tentativas de melhorar as relações do homem com o Meio Ambiente, e também por ter inaugurado a busca por equilíbrio entre desenvolvimento econômico e redução da degradação ambiental (poluição urbana e rural, desmatamento etc.), que mais tarde evoluiria para a noção de desenvolvimento sustentável. (Nota da **IHU On-Line**)

pressão e suicídio. E tudo isso ainda em meio a um caldo de ocaso moral e ético com o flagelo da corrupção global, da poluição generalizada e do desmonte dos mecanismos que sustentam a vida orgânica (desmatamento, queimadas, incêndios florestais, destruição de nascentes, abatimento da biodiversidade e outros) por meio de processos ecossistêmicos históricos, indicam a nossa falha de percepção.

Com tal contexto, justifica-se a improficuidade do processo de Educação Ambiental (e de outros tantos que precisam se ajustar), se praticada nos moldes majoritários atuais com foco apenas em gestão ambiental. Prescinde o tom transcendente sem o qual nos perdemos, sem o qual não eco perceberemos nossos cenários, desafios e ingratidões.

IHU On-Line - Que relação é possível traçar entre as formas de vida humana pós-industrial e o aquecimento global? Quais os impactos desse "homem pós-industrial" no campo?

Genebaldo Freire Dias - A relação é simples e direta. Cada ser humano sobre o planeta exerce uma pressão de demanda de recursos naturais (pegada ecológica)⁸. Tal pressão vem aumentando com o tempo em função de padrões de produção, consumo e descarte cada vez mais impactantes, requerendo cada vez mais recursos naturais. A lógica de mercado que vê a natureza como um fornecedor de capacidade infinita e gratuita, e sem qualquer tradução em consequências desse usufruto ignorante, está nos levando para quadros impensáveis de desequilíbrios políticos, sociais, econômicos e morais, cuja amostragem já está disponível nos noticiários da TV todos os dias.

⁸ **Pegada ecológica:** é uma expressão traduzida do Inglês *ecological footprint* e refere-se, em termos de divulgação ecológica, à quantidade de terra e água que seria necessária para sustentar as gerações atuais, tendo em conta todos os recursos materiais e energéticos, gastos por uma determinada população. (Nota da **IHU On-Line**)

O cinismo e a maluquice da negação da contribuição humana ao aquecimento global denotam bem a iniquidade do processo calculado de impor uma peneira à luz do sol, de calar obviedades. O impacto no campo dessa desastrosa "escolha" de modo de vida é multifacetado. Vai desde o caos climático que frustra safras até o sucesso das pragas; vai da erosão e perda da fertilidade do solo ao desemprego, falência e abandono de terras areificadas; vai desde o sumiço das abelhas que brindavam a polinização à escravidão tecnológica dos transgênicos; do uso crescente de biocidas ao suicídio de agricultores e indução de cânceres na população rural... e por aí segue.



A teia educacional está atrelada a enciclopedismos engavetados com conteúdos

IHU On-Line - Como o senhor entende o conceito de antropoceno? De que forma as discussões acerca do antropoceno podem contribuir para o debate ecológico?

Genebaldo Freire Dias - Quando publicamos o nosso livro *Antropoceno - iniciação à temática ambiental* (São Paulo: Gaia, 2002), quase fui trucidado. Há uns cinco anos, o conceito foi capa do *The Economist*⁹ e virou "cult". Pura apresentação acadêmica dos egos.

⁹ **The Economist:** é uma publicação inglesa de notícias e assuntos internacionais de propriedade da The Economist Newspaper Ltd. e editada em sua sede na cidade de Londres, no Reino Unido. Está em publicação contínua desde a sua fundação por James Wilson, em setembro de 1843. Por razões históricas a *The Economist* refere-se a si mesma como um jornal, mas cada edição é impressa em formato de revista de notícias. (Nota da **IHU On-Line**)

Tal conceito é mais antigo do que a estrada. Não tem donos.

Antropoceno é a era da transformação-alteração da Terra por meio da ação humana. Admite-se a presença humana como um fator inclusive geológico, capaz de impor mudanças perceptíveis no planeta. Parece óbvio. E é. Mas não para desenvolvimentistas autocentros. Afinal, seria difícil explicar como 7 bilhões de pessoas derrubando florestas, consumindo combustíveis fósseis (jogando gás carbônico para a atmosfera como vem fazendo nos últimos 400 anos), poluindo rios, lagos e mares, matando 1 milhão de bois e 120 milhões de frangos diariamente, produzindo milhares de toneladas de lixo diariamente e emitindo metano para atmosfera, dizimando animais e destroçando a biodiversidade não pudessem interferir em nada nas dinâmicas do planeta.

Não é por falta de ferramentas teóricas e evidências objetivas que o discurso dito ecológico ainda não se assenta em muitas mesas de decisões políticas e econômicas. Ecossistemas não sentam nessas mesas, mas também não conseguem enganá-los.

IHU On-Line - Qual o papel da sociedade civil, como as cooperativas, e o poder público na promoção e efetivação de formas de vidas mais ecológicas desde o campo até a cidade?

Genebaldo Freire Dias - Tudo poderia começar com um processo educacional que revelasse às pessoas o fascínio da vida, o mistério de estar vivo, de pertencer a uma forma orgânica raríssima no universo, com possibilidades mínimas de sobrevivência em um universo gelado. A utopia passaria por aqui. Mas isso vai levar muito tempo porquanto a teia educacional está atrelada a enciclopedismos engavetados com conteúdos. Afastada dos valores humanos, e centrada na produção de consumidores úteis, a educação ainda precisará de muitas décadas de saltos evolutivos até que a percepção da maioria das pessoas possa identificar e

valorizar o seu lugar de expressão física e biológica, a Terra. Levará tempo para esse resgate, inclusive espiritual e estético. Mas não há nada de errado se olharmos o contexto como etapas evolutivas. Apenas dá uma angústia danada quando se sabe que tudo poderia ser diferente, mais sereno, menos conflitante, e com mais leveza.

IHU On-Line - O que está por trás da lógica do agronegócio e como a perspectiva da agroecologia se contrapõe a essa forma de produção? Que relação se estabelece entre a sociedade e o planeta nas duas perspectivas?

Genebaldo Freire Dias - Não há nada "por trás" da lógica do agronegócio além do lucro. Todo negócio, seja qual for, tem o lucro como base primal, onipresente, absoluta. Todo negócio que explora

recursos naturais o faz em formas exploratórias via custo/benefício (socializar os custos e privatizar

“

A agroecologia não se contrapõe. Ela pode somar, complementar redes de cooperação e influência

os benefícios). O negócio "verde" ainda é cinicamente hipócrita. Revestido em belas embalagens de marketing, ainda representa menos de 5% de produções honestas.

A agroecologia não se contrapõe. Ela pode somar, complementar redes de cooperação e influência via resultados de inovações. Enquanto a agroecologia for vista-percebida como uma "alternativa", e não como forma evoluída de relação com os sistemas terrestres de sustentação da vida, reinará a visão do primo pobre, do colar "riponga" sobre a mesa dos negócios. Os avanços e os desafios da agroecologia hoje no Brasil são os mesmos de todo processo que favorece a promoção de saltos evolutivos na escalada humana.

IHU On-Line - Deseja acrescentar algo?

Genebaldo Freire Dias - Temos inscrito em nosso patrimônio genético as informações para a sobrevivência. Temos sido bons nisso. Até agora. ■

Cadernos Teologia Pública

Cadernos Teologia Pública divulga artigos que apresentam a contribuição da teologia com os debates que se desenvolvem na esfera pública da sociedade e na universidade, com abertura ao diálogo com as ciências, com a cultura e com as religiões.

Publicações disponíveis em: ihu.unisinos.br